
Quatro olhares sobre Gaza. Quantos discursos? Uma análise da cobertura de CNN, BBC, Al Jazeera e Sputnik News sobre a Marcha do Retorno.¹

Denise De Rocchi²

Resumo

A Marcha do Retorno é uma manifestação realizada por palestinos anualmente na Faixa de Gaza e que ganhou contornos ainda maiores em 2018, quando o governo americano concluiu o processo de mudança da embaixada para Jerusalém. O artigo analisa o discurso de quatro veículos em relação a este episódio, relacionado a um dos grandes temas de política internacional. É analisada a cobertura da BBC, CNN, Sputnik News e Al Jazeera, apontando as condições de produção e as formações discursivas nos textos e imagens, discutindo os aspectos ideológicos presentes.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Mídia; Relações Internacionais; Faixa de Gaza.

Introdução

A Faixa de Gaza é um território de 41 km de extensão no Oriente Médio, no qual vivem dois milhões de pessoas. Desde 2006, é administrada pelo grupo palestino Hamas. Há muito tempo a área é foco de intensa disputa entre israelenses e palestinos e registrou um de seus mais recentes episódios de violência em abril de 2018, com a morte de dezenas de palestinos e milhares de feridos nas manifestações da Marcha de Retorno, cujas origens serão apresentadas nas próximas páginas. A cobertura jornalística de um dos dias mais sangrentos destes protestos é o foco deste estudo, fundamentado na Análise de Discurso.

O corpus é composto por textos extraídos dos sites da BBC (Reino Unido), CNN (EUA) e das versões em inglês da Al Jazeera (Catar) e do Sputnik News (Federação Russa). Os dois últimos são veículos mantidos por governos e que são ponto central da tese de doutorado em construção junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI/UFRGS), cujo título provisório é Mídia, Poder e Relações Internacionais. A BBC é uma emissora britânica, com forte tradição na cobertura internacional, assim como a CNN. Esta inclusive inspirou pesquisadores a

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Docente dos cursos de Comunicação e Relações Internacionais do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEEI/UFRGS).

cunharemos um termo nos anos 1990, o *CNN Effect*: o conceito se referia ao impacto que a cobertura ao vivo feita pela empresa norte-americana teria na tomada de decisão de governantes.

Dentro do propósito de que esta análise não fique restrita apenas aos especialistas em política internacional, cabe uma breve contextualização histórica. No final de 1947, em sessão presidida pelo brasileiro Oswaldo Aranha, a Organização das Nações Unidas (ONU) decidiu dividir o território da Palestina, então sob administração britânica, para criar um estado judeu e um árabe. A decisão, porém, gerou descontentamento e guerra civil na região e, meses depois, a guerra de independência, opondo o recém criado estado de Israel e vários vizinhos, que não reconheciam o novo estado. Mais de 700 mil palestinos foram expulsos, número tão significativo que a ONU criou uma agência exclusiva para atender estes refugiados logo após o conflito.³ Apesar de uma resolução das Nações Unidas estabelecer o direito de retorno, este impasse ainda não foi resolvido e novas hostilidades entre as partes eclodiram (UNRWA, 2010?).

Para Rogan e Shlaim (2008), a guerra alimentou a identidade nacional de vários dos envolvidos. No caso dos Palestinos, a expulsão da região ficou conhecida como Nakba (em árabe, a desgraça) e anos mais tarde, em 1998, a Autoridade Palestina estabeleceu o dia 15 de maio como data para lembrar o fato histórico com protestos e manifestações (GILAD, 2015). Os palestinos também recordam o Dia do Retorno, em 30 de março, alusivo à data em que palestinos morreram ao protestar pelo direito de voltar.

Em 2018, havia motivação extra para os protestos: a transferência da embaixada americana de Telaviv para Jerusalém estava marcada para o dia da independência de Israel, 14 de maio⁴. As manifestações foram programadas para iniciar semanas antes na fronteira da Faixa de Gaza com Israel. No dia 6 de abril, a escalada de violência já era considerada a pior em anos, com palestinos mortos a tiros por forças israelenses (BBC, 2018). Esta é a data das matérias que compõem o *corpus*.

³ A United Nations Relief Works Agency for Palestine Refugees in Near East (UNRWA) atende especificamente os deslocados pelo conflito árabe-israelense

⁴ A instalação de uma embaixada na cidade significa reconhecê-la como capital de Israel, o que incomodou os palestinos. A divisão de Jerusalém, sagrada para cristãos, judeus e muçulmanos, é mais um ponto de divergência que dificulta a concretização da chamada “solução de dois estados”. A ação movida pela Palestina contra os Estados Unidos na Corte Internacional de Justiça está disponível em <https://www.icj-cij.org/files/case-related/176/176-20180928-PRE-01-00-EN.pdf>

Analisar discurso nos permite interpretar fatos políticos como o aqui descrito e isto tem sido feito por um número crescente de pesquisadores, embora ainda predomine nas Relações Internacionais o uso de métodos quantitativos. A disciplina é uma das que vivenciou nos anos 50 e 60 o movimento behaviorista, que defendia a adoção de métodos e procedimentos das ciências naturais pelas ciências humanas.

Entre os críticos desta escolha está justamente Pechêux. Em seus primeiros trabalhos, ainda com o pseudônimo de Thomas Herbert, ele debate a relação entre prática, ferramentas e conhecimento científico, questionando como podem as ciências sociais importarem ferramentas de outras áreas. Os instrumentos ajudam a ciência a escolher as perguntas que fará, logo é preciso que campos do saber desenvolvam seus próprios instrumentos. Desta reflexão, ele aponta a Análise do Discurso como um caminho, considerando língua, história e ideologia para fazer uma escuta social (HERBERT, 2011).

Aqui o discurso em análise é de diferentes veículos de comunicação diante do mesmo acontecimento. São empresas que se orgulham em apresentar-se como isentas e comprometidas com a verdade. As de origem estatal (e também novatas no mercado mundial) costumam apresentar-se como vozes dissonantes, mas muitas vezes recebem acusações sobre manterem uma visão ideológica. O artigo busca evidenciar como a ideologia está presente em todos, mesmo naqueles veículos que se consideram isentos e descolados de vínculos políticos.

Condições de produção

Mesmo sem ter presenciado um acontecimento, os indivíduos podem posicionar-se em relação a ele a partir das informações que recebem, papel hoje exercido em grande parte pelos meios de comunicação. Apenas 3 milhões e 600 mil turistas visitaram Israel em 2017⁵, mas um número muito maior de pessoas têm conhecimento sobre o conflito palestino israelense via cobertura jornalística, razão pela qual é preciso refletir primeiramente sobre as condições de produção das notícias para depois analisar os discursos em torno deste problema histórico.

As expectativas de mudança no acesso à informação com as novas tecnologias não foram completamente atingidas. Como destaca Castells (2015), o modelo de comunicação de massa, de caráter unidirecional e que deu origem a grandes

⁵ <https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-israel-is-welcoming-record-numbers-of-tourists-and-it-s-a-nightmare-1.5869097>

conglomerados, não foi totalmente suplantado com o advento da internet e suas redes, mais horizontais. Os grandes grupos de mídia se adaptaram aos novos tempos para permanecer neste mercado, muitas vezes até incorporando iniciativas de mídia independente que obtiveram sucesso, enquanto outras companhias de grande porte encontraram as condições para se desenvolver. O levantamento feito pelo *Institute of Media and Communications Policy*, da Alemanha, aponta que nove entre as dez maiores empresas do setor no mundo são norte-americanas. A primeira colocada é a Alphabet, que controla o Google, seguida por Comcast, dona da NBC Universal e pela Disney.⁶

Esta concentração também é perceptível quando olhamos exclusivamente o mercado de agências de notícias. As empresas pioneiras ainda são as líderes na comercialização deste tipo de material: a britânica Thompson Reuters (22^a no ranking geral de empresas de comunicação citado no parágrafo anterior), a francesa AFP e a norte-americana Associated Press. O problema já era apontado por Hermann e Chomsky (1988) em *Manufacturing Consent*, tendo os autores constatado nas edições revisadas da obra que o quadro havia se agravado ainda mais.

As situações expostas acima evidenciam que, apesar das novas tecnologias permitirem que mais pessoas produzam conteúdo, ainda há concentração da mídia. Este é um ponto sensível sobretudo para o noticiário internacional. Jornais, rádios, TVs e portais de diversos países muitas vezes não tem condições de manter nem mesmo um único correspondente internacional e assinam os serviços de agências de notícias para obter material sobre o que ocorre no mundo. O texto que chega aos leitores é em geral a cobertura feita com a visão americana ou europeia sobre um tema. Na produção de filmes e seriados, a situação se repete.

A comunicação tem papel no exercício do poder, por ser o processo que permite construir significados na mente humana, como afirma Castells: “A guerra do Iraque foi possibilitada pela campanha de informações manipuladas realizadas sob a moldura da ‘guerra ao terror’ pelo governo Bush” (2015, p. 471). A prática não está restrita a grandes potências: governos de outros países também estão cientes desta possibilidade.

Países periféricos (e semi-periféricos) tem se preocupado com a forma como são retratados e tem investido em comunicação, muitas vezes criando canais e portais de

⁶ O ranking está disponível em <https://www.mediadb.eu/en.html>

notícias voltados ao público externo. É o caso do Catar, que criou em 1994 a Al Jazeera. O filho do emir, Hamad Bin Khalifa Al Thani, havia tomado o comando do país, até então nas mãos de seu pai e bancou a criação do “primeiro canal de notícias independente no mundo árabe”, com um bom alcance na região (MANSOUR, 2014). Em 2006, o canal por assinatura ganhou também versão em inglês, atingindo 100 países. A Al Jazeera se apresenta como “uma rede que desafiou a narrativa estabelecida e deu audiência global a uma voz alternativa”, desafio que encontrou resistência na própria região. Em 2017, países do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), liderados pela Arábia Saudita, impuseram um bloqueio ao Catar e apresentaram um conjunto de 13 exigências, entre elas o fechamento da rede de TV.

As tentativas de restringir a atuação da emissora estão relacionadas aos objetivos políticos do Catar, nação pequena e pouco povoada, embora detentora de um alto PIB per capita. Depois da invasão do Kwait pelo Iraque, o governo catari percebeu que precisava projetar-se internacionalmente para reduzir o risco de que algo semelhante ocorresse com ele. Com a emissora de TV, aumentou sua presença na região e abriu espaço para manifestação de grupos árabes que são vistos como opositores por outros governos. É o caso da Irmandade Muçulmana, que após a primavera árabe disputou e venceu as primeiras eleições egípcias realizadas em quatro décadas. A TV catari deu respaldo ao candidato da Irmandade, Mohammed Morsi, mesmo após ele ser derrubado por um golpe, o que fez a empresa e seus jornalistas serem perseguidos no Egito (KHATIB, 2014).

Em menor grau, a Al Jazeera também encontrou detratares no meio político norte-americano. Uma das primeiras críticas vieram nos anos 2000, por conta de uma entrevista com Bin Laden, inimigo público número um do governo norte-americano após o atentado de 11 de setembro. Mais recentemente, congressistas tentaram fazer a emissora se registrar como agente estrangeiro, pressão que estaria relacionada à produção de um documentário pela rede catari sobre influência de Israel no meio político dos EUA.

Registrar-se como agente estrangeiro significa reconhecer que é financiado por um outro governo para atuar em território norte-americano e estar sujeito a prestar contas desta atuação. A lei FARA - Foreign Agent Registration Act - foi criada em 1938, para conter propaganda em um período pré-guerra. A inclusão da Al Jazeera nesta categoria foi criticada por entidades ligadas ao jornalismo e defesa da liberdade de imprensa.

O mesmo não ocorreu com o Sputnik News. Após protestar contra a exigência de cadastro, o portal de notícias e a emissora RT, pertencentes ao governo russo, fizeram o registro no final de 2017. No entanto, isto não encerrou a crise, pois os russos responderam criando eles também uma legislação exigindo o registro de correspondentes estrangeiros junto a autoridades em Moscou.

O Sputnik News e o canal de TV RT (Russia Today) são sucessores da agência de notícias RIA Novosti. Este rearranjo está fortemente ligado à política. Em 2008, a Rússia entrou em conflito com a Geórgia e incorporou parte do território, cuja população possuía cidadania russa. Moscou ganhou a guerra, mas não a opinião pública mundial. Na mídia ocidental, o episódio é relatado como o momento em que Putin se transformou no que é hoje. Para os russos, a Geórgia foi a prova de que era preciso agir para que a posição russa chegasse ao conhecimento de um público maior e a partir daí o novo projeto de comunicação foi elaborado (AVGERINOS, 2009).

Já a CNN (Cable News Network) foi uma pioneira na televisão por assinatura, transmitindo material jornalístico 24h. Nos anos 1990, transmitiu ao vivo a guerra do Golfo, na qual o Iraque invadiu o território, e também cobriu a questão dos curdos no norte do Iraque, a situação da Somália e a guerra civil em Ruanda. A emissora norte-americana é privada, mas sua atuação influenciou o meio político e diplomático ao disseminar informação sobre acontecimentos mundiais em seus canais em inglês e em espanhol (GILBOA, 2005).

A BBC foi criada no Reino Unido nos anos 1920. Seu idealizador observou o sistema vigente nos Estados Unidos, sem nenhuma regulação da mídia, e o vigente no bloco soviético, com muita regulação. Por isso propôs um modelo que não deixasse a emissora dependente financeiramente do governo ou da propaganda, sendo financiada com uma pequena taxa proveniente das tarifas postais. Ainda na década de 20, a emissora fez suas primeiras transmissões internacionais, e criou programas específicos de debate político (BBC).

Formações discursivas

Uma das técnicas usadas na produção do texto jornalístico é a do lead, que consiste em trazer logo no início das matérias uma espécie de resumo do fato noticiado. Quem? Como? Onde? Quando? Porque? Logo, se estamos falando sobre a morte de dezenas de

peças e de forma violenta, seria natural que o texto indicasse quem praticou as ações e porque elas ocorreram.

Aqui vemos nossa primeira formação discursiva: a antropomorfização. Quem fala sobre o conflito não são pessoas, mas estados, como se observa neste trecho: “Mas Israel diz que o grupo militante Hamas, que domina Gaza, está encenando os protestos com objetivo de lançar ataques”⁷ (BBC, 2018). O mesmo acontece quando são mencionadas algumas instituições, como na matéria do Sputnik News: “As Forças de Defesa de Israel reportaram que levantes violentos aconteceram na cerca de Gaza”.

As ações e comentários são atribuídos não a uma pessoa, mas a uma entidade, que é tratada como um ser unitário e com vida própria:

Quando James Madison falava do ‘direito das pessoas’, queria dizer ‘pessoas’. Mas o crescimento da economia industrial e a ascensão das formas corporativas de empreendimento econômico trouxeram um significado completamente novo ao termo. Nos documentos oficiais de hoje em dia, ‘pessoa tem uma acepção abrangente que inclui qualquer indivíduo, ramo, sociedade, grupo associado, associação, Estado, truste, sociedade anônima (organizada ou não sob as leis de um estado qualquer) ou entidade governamental’, conceito que teria espantado Madison ou qualquer outro que tivesse raízes fincadas no Iluminismo e no liberalismo clássico. (CHOMSKY, 2018, p.108)

As implicações disto é que quem age não é um presidente, ministro ou general, mas uma entidade. Desta forma, pode se evitar responsabilizar quem de fato comanda a ação ou ainda se pode tentar naturalizar algumas práticas da política internacional, como a defesa incondicional da soberania, porque tratamos Estados como entes unitários compelidos a agir assim se quiserem sobreviver no sistema global.

Paradoxalmente, a outra formação discursiva encontrada é a desumanização. Estados são tratados como pessoas, mas as pessoas (no sentido original de Madison, como menciona Chomsky) nem sempre são destacadas como indivíduos nas reportagens analisadas. Vamos considerar primeiramente as manchetes usadas por cada um dos veículos:

- BBC: Tumulto mortal na fronteira Gaza Israel com palestinos retomando protestos⁸

⁷ But Israel says the militant group Hamas, which dominates Gaza, is staging the rallies in order to launch attacks

⁸ Deadly unrest on Gaza-Israel border as Palestinians resume protests

- Al Jazeera: Forças israelenses matam a tiros oito palestinos e ferem centenas mais enquanto protestos próximo à fronteira de Gaza continuam⁹
- Sputnik News: Violência em Gaza: Seis palestinos mortos confirmados, 780 feridos em confrontos¹⁰
- CNN: A marcha novamente¹¹

Dos quatro veículos, só dois quantificaram quantas pessoas foram mortas e quantas foram feridas, ou seja, colocam o elemento humano no centro do problema. Se analisamos trechos do texto, isto também se evidencia. A CNN relata que “cinco pessoas, incluindo uma adolescente, foram baleadas e mortas na faixa de Gaza, diz o Ministério da Saúde da Palestina”. A Al Jazeera aponta que “O ministério da Saúde da Palestina confirmou que Osama Qdeih, de 38 anos de idade foi morto por tiros israelenses” e em outro trecho, também citando o órgão como fonte, que “o manifestante Majdi Ramadan Shbat foi morto a leste da cidade de Gaza por forças israelenses”. Os veículos usaram a mesma fonte, o ministério, mas o discurso não é igual. Para a Al Jazeera, não são apenas números: são Osama Qdeidh, Majdi Shbat e outras pessoas citadas nominalmente pelos repórteres ao longo de todo o texto. Nas demais coberturas, são no máximo “palestinos”, e falta a história de cada um deles.

No início desta seção, lembramos que a prática jornalística recomenda responder um conjunto de perguntas para bem informar. Seria lógico então dizer não só quem morreu, mas também quem matou. Al Jazeera responde esta pergunta já na apresentação do tema (“Forças Israelenses matam...”), o que pode ter relação com as condições de produção e a origem da rede de TV. Aqueles veículos originários dos países mais distantes geograficamente do conflito apresentam uma ou as duas partes do confronto de forma genérica. Dizer que há um “confronto mortal”, como faz a BBC, não individualiza as condutas e trata de forma igual os lados em conflito, ignorando que o confronto foi mortal para apenas um deles.

As visões de mundo também transparecem nos trechos a seguir. A BCC afirma que “os manifestantes estão exigindo que os refugiados sejam autorizados a retornar às

⁹ Israeli forces shoot dead eight Palestinians and wound hundreds more as protests near Gaza border continue.

¹⁰ Gaza Violence: 6 Palestinians Reportedly Killed, 780 Injured in Clashes

¹¹ March again

terras ancestrais, que agora estão em Israel¹²” e o Sputnik News que o protesto era pelo “direito de retornar a seus territórios anteriores dentro do estado judeu”¹³. Quem mudou de lugar, a terra ou as pessoas? Dizer que *agora* as terras *estão em Israel* minimiza a força do argumento dos palestinos, de que houve expulsão da população décadas atrás.

A última formação discursiva poderia ser chamada de não diferenciação: partes diferentes sendo tratadas como se fossem iguais em termos de força. Tanto a CNN quanto a BBC apresentam primeiramente a posição israelense de que “nossas forças estão usando meios de dispersão de distúrbios e armas de fogo de acordo com as regras de engajamento”¹⁴, frase atribuída ao governo, mas sem individualizar quem foi a fonte ouvida (o que nos remete novamente à questão da antropomorfização: quem dentro do governo defendeu o uso de armamento?). Parágrafos depois, a matéria da CNN diz “à frente da marcha, centenas de pneus foram reunidos para serem incendiados na fronteira do lado de Gaza, com o objetivo de criar cortinas de fumaça preta para obscurecer a visão dos atiradores israelenses”¹⁵.

O mesmo ocorre no texto publicado no site da BBC, ou seja, a versão de um dos lados é apresentada sem problematização (um lado tem armas de fogo; o outro, pneus queimando). Apenas mais adiante haverá menção aos métodos usados pelos que estão sendo reprimidos: “manifestantes jogaram pedras e coquetéis molotov contra as tropas”. Destaca-se ainda que esta diferença está nas imagens que acompanham as matérias, mas não no texto, como se observa nos prints abaixo, da CNN:



Figura 1 - De um lado, pessoas e pneus incendiados



Figura 2 – Do outro, um veículo com militares atirando

¹² The protesters are demanding that refugees be allowed to return to ancestral lands that are now in Israel.

¹³ the right to return to their previous territories in the Jewish state.

¹⁴ "Our forces are using riot disposal means and live fire in accordance with the rules of engagement.

¹⁵ Ahead of the march, thousands of tires were gathered to be set on fire on the Gaza side of the border, with the aim of creating curtains of black smoke to obscure the sights of Israeli snipers.

A foto dos palestinos estava entre o título e o corpo do texto. A imagem do tanque atirando só podia ser vista clicando no vídeo inserido na postagem. Uma das imagens mostra pessoas de perto, uma delas com o rosto coberto pelo Keffiyeh, lenço tradicional entre os árabes. A outra é distante e não permite identificar com clareza quem está no veículo. O veículo é “menor” que uma pessoa, o que oculta a diferença de poder entre os envolvidos no conflito. Obviamente, as dificuldades de fazer uma cobertura em área conflagrada podem justificar a falta de uma imagem melhor da ação de uma das partes, mas estas diferenças são omitidas no texto.

Já a publicação do Sputnik News diz que “As Forças de Defesa Israelenses localizaram cinco pontos de confronto violento ao longo da cerca do lado de Gaza da fronteira. Manifestantes palestinos queimaram pneus, mandando fumaça pela fronteira Gaza Israel. Tropas israelenses atiraram de volta esporadicamente.”¹⁶. Aqui a contradição aparece expressa no mesmo recorte: *confronto violento* → *queima de pneus* → *atirar de volta*. As imagens usadas complementam a ideia de diferença:



Figura 3- reportagem da Sputnik News incorpora imagens compartilhadas por terceiros nas redes sociais

As imagens mostram manifestantes correndo em meio à fumaça e os feridos sendo carregados. Mais uma vez, está ausente quem os faz protestar e fugir. Quem protesta, tem a aparência de um civil e as imagens apresentadas não remetem à condição de força.

¹⁶ The IDF has located five spots of violent clashes along the Gaza fence. Palestinian protesters burn tires, sending smoke billowing at Gaza-Israel border; Israeli troops fire back sporadically- sputnik

A contradição quanto a tratar como iguais os dois lados do confronto se expressa também quando os veículos reproduzem a versão de autoridades israelenses e também o clamor do secretário geral da ONU. Antonio Guterres deu uma declaração pedindo que Israel pratique “extrema cautela no uso da força para evitar vítimas”.¹⁷ Ou seja, a força pode ser usada, desde que não haja mortes, uma “verdade” que não foi problematizada pelos canais de comunicação.

Considerações finais

É sempre um desafio falar sobre conflito árabe israelense, qualquer que seja a abordagem. Mais ainda quando envolve a cobertura jornalística, uma vez que diversas condições no front (risco à segurança do repórter, proibição de acesso a algumas áreas e dificuldades técnicas) podem impedir repórteres em zonas conflagradas de obterem todas as informações que desejam. Por isto é preciso ressaltar que a Análise de Discurso não pretende fazer acusações contra veículos específicos, mas observar como algumas formações discursivas, permeadas pela ideologia, se apresentam no corpus selecionado.

O sujeito (que pode ser aqui o repórter ou editor) é um ser descentrado para a Análise de Discurso, pois não tem uma expressão absolutamente original e pessoal dos fatos. Sua fala está permeada pelos já-ditos e ele é assujeitado. Maziere (2007), explicando a contribuição do marxismo de Althusser, aponta que a ideologia opera através de uma relação imaginária entre o sujeito, classes e condições de existência, havendo um sistema de instituições nas quais se reproduzem relações sociais.

Nem o autor tem controle total do que diz, pois a língua não é transparente. Ela está ligada à prática política e não é um mero sistema de comunicação, pois também nos interpela a ocupar um lugar no sistema de produção (HENRY, 1997). Isto inclui o jornalista que se crê isento e livre de interferências políticas naquilo que escreve.

Na análise feita até aqui, foram destacadas algumas formações discursivas e muitas delas, em maior ou menor grau, estão presentes na cobertura feita por veículos bastante distintos entre si. Sputnik News e Al Jazeera são algumas vezes tratados com certo descrédito por serem mantidos por governos. De fato, alguns aspectos transparecem interesses de seus mantenedores e é preciso mencionar que Israel rompeu relações com o Catar e que está em lado oposto ao da Rússia em outro grande conflito, o da Síria. Mas a

¹⁷ (...) to exercise extreme caution with the use of force in order to avoid casualties.

formação discursiva de desumanização apareceu com mais força na cobertura dos veículos ocidentais, que não se consideram dependentes de governos.

Aqui está um exemplo do assujeitamento: a ideologia se faz presente pois o texto reproduz visões dominantes. Mesmo mencionando as mortes, dá primazia para a explicação oficial. Trata como “pessoa” estruturas governamentais, repetindo suas falas, e como números as pessoas. As mortes do dia 6 de abril foram todas de manifestantes de um único lado, mas isto não é problematizado. Uma fonte oficial (o secretário geral da ONU) é citada falando sobre condições para o uso da força, mas não há questionamento sobre porque a força é necessária.

Olhar o que está ausente (a falta) também é necessário para compreender o discurso e isto pode incluir o não se posicionar. Os textos da BBC e CNN, que não dependem financeiramente de seus governos, apresentam os fatos daquele dia ouvindo os dois lados: israelense e palestino. No entanto não tecem críticas claras à violência, que vitimou mais um lado do que outro naquele dia específico. Apresentam-se como alguém “de fora”, mas seu discurso está permeado pelos já-ditos, o que inclui validar o modelo político vigente e o direito dos Estados de utilizarem poder repressivo.

Referências bibliográficas

AL JAZEERA. About us. Disponível em <https://www.aljazeera.com/aboutus/>. Acesso em 15 de agosto de 2018.

AL JAZEERA. Qatar's top diplomat says Gulf crisis at a 'stalemate'. 28 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.aljazeera.com/news/2018/09/gcc-nations-hold-meeting-gulf-rift-erupted-180928140728432.html>. Acesso em 8 de maio de 2019.

AVGERINOS, Katherine. Russia's Public Diplomacy Effort: what the Kremlin's doing and why it's not working. **Journal of Public and International Affairs**. Princeton. Vol. 20, p. 115-132, março de 2009.

BBC. 4 questões para entender o que acontece em Gaza, que vive a pior escalada da violência em anos. 6 de abril de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43669421>

BBC. The BBC history: 1920's. Disponível em <http://downloads.bbc.co.uk/historyofthebbc/1920s.pdf>

CASTELLS, Manuel. O poder da Comunicação. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CNN. March again. 6 de abril de 2018. Disponível em <https://edition.cnn.com/2018/04/06/middleeast/gaza-israel-border-protest-intl/index.html>

GILAD, Elon. What Is Nakba Day? A Brief History. Haaretz. 14 de maio de 2015.

GILBOA, Eytan. The CNN Effect: The Search for a Communication Theory of International Relations. *Political Communication*, 22:1, p. 27-44.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michel Pechêux. In GADET, Françoise; HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pechêux. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 13-38 p.

HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. In: ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: Michel Pechêux*. Campinas: Pontes, 2011. p. 21-54.

HERMAN, Edward S. e CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: the political economy of mass media*. Pantheon Books: Nova York, 1988.

ICJ. The State of Palestine institutes proceedings against the United States of America. Haia, 28 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.icj-cij.org/files/case-related/176/176-20180928-PRE-01-00-EN.pdf>

KHATIB, Lina. Qatar and the recalibration of power in Gulf. Carnegie Endowment for International Peace: Washington, 2014. Disponível em https://carnegieendowment.org/files/qatar_recalibration.pdf . Acesso em 8 de maio de 2019.

MANSOUR, Imad. Qatar Global Activism: Pursuing Ambition in the Midst of Domestic and Regional Transitions. In: Braveboy-Wagner J. (eds) *Diplomatic Strategies of Nations in the Global South*. Palgrave Macmillan: New York, 2014

MAZIERE, Francine. *A Análise do Discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

ROGAN, Eugene L. e SHLAIM, Avi. *The War for Palestine: Rewriting the History of 1948*. Cambridge University Press: Nova York, 2008.

SPUTNIK NEWS. Gaza Violence: 7 Palestinians Reportedly Killed, 780 Injured in Clashes. Disponível em <https://sputniknews.com/middleeast/201804061063272616-gaza-protests-clashes-victims-israel-palestinian/>

UNRWA. Who we are. [2010?]. Disponível em <https://www.unrwa.org/who-we-are?tid=85> . Acesso em 10 de outubro de 2018.